



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE SÃO BERNARDO  
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS  
HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**WELLINSON SANTOS DE ARAUJO**

**NIETZSCHE: INSTINTO HELENO E A DECADÊNCIA DA CULTURA**

**SÃO BERNARDO**

**2021**

WELLINSON SANTOS DE ARAUJO

**NIETZSCHE: INSTINTO HELENO E A DECADÊNCIA DA CULTURA**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Wandelson Silva de Miranda

SÃO BERNARDO  
2021

---

ARAUJO, Wellinson Santos De.

NIETZSCHE: INSTINTO HELENO E A DECADÊNCIA DA CULTURA /  
WELLINSON SANTOS DE ARAUJO. - 2021.

45 p.

Orientador(a): Wandeilson Silva de Miranda. Monografia  
(Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São  
Bernardo, 2021.

1. Decadência. 2. Instinto heleno. 3. Racional. I. Miranda,  
Wandeilson Silva de. II. Título.

---

WELLINSON SANTOS DE ARAUJO

**NIETZSCHE: INSTINTO HELENO E A DECADÊNCIA DA CULTURA**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovada em: / / .

**BANCA EXAMINADORA**

---

(Presidente) Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

1º examinador Profª. Drª. Alina Silva de Miranda  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

2º examinador Prof. Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A Deus.

Aos meus pais e aos familiares  
próximos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Evelise de Jesus Santos da Silva e Wilson Lisboa de Araujo pelo esforço de sempre acreditar e persistir na educação de seus filhos. Ao Prof. Dr. Wandêilson Silva de Miranda, pela excelente orientação, que com dedicação nos encorajou a não apenas a adquirir conhecimento, mas utilizá-lo na nossa vida, aos os professores participantes da banca examinadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alina Silva de Miranda Prof. Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões. Agradeço a Deus pela vida que me deste e um agradecimento especial para a minha companheira inseparável Monelle da Silva Caldas por sempre acreditar em mim.

“O que eu amo é uma virtude terrestre:  
acrescida de um pouco de prudência e o  
mínimo de sabedoria cotidiana.”

NIETZCHE, *Assim Falou Zaratustra*

## **RESUMO**

Na presente monografia pretende-se demonstrar o instinto helênico como o elemento que constituiu o espírito de gênios na história do ocidente, o seu fim representou uma limitação na cultura ocidental, uma vez que perdeu a utilização da ação instintiva e esta foi substituída pelo pensamento racional. As racionalizações das formas de conhecimentos obstruíram e limitaram as demais formas de ver a existência, o resultado foi uma banalização das concepções não racionais. Após entrar em descrédito enquanto princípio de criação de conhecimento os instintos refulgiam-se nas peças trágicas, mas a racionalidade também é incorporada nas peças e ao mesmo tempo em que a racionalidade se legitima no gosto popular ganha força nos nas peças, concluindo assim o início a banalização dos instintos enquanto produtor de conhecimento.

**Palavras-chave:** Instinto heleno, Decadência, racional, dialética.



## **ABSTRACT**

In this monograph it is intended to demonstrate the Hellenic instinct as the element that constituted the spirit of geniuses in the history of the West, its end represented a limitation in Western culture, since it lost the use of instinctive action and this was replaced by rational thinking, the rationalization of forms of knowledge obstructed and limited other ways of seeing existence , the result was a trivialization of non-rational conceptions. After going into disrepute as a principle of knowledge creation, instincts were resuming in tragic pieces, but rationality is also incorporated into the pieces and at the same time that rationality is legitimized in popular taste gains strength in the pieces, thus concluding the beginning of the trivialization of instincts as a producer of knowledge.

**Keywords:** Hellene instinct, decay, rational, dialectic.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	INSTINTO HELENO.....	13
3	TRAGÉDIA GREGA.....	20
4	TRAGÉDIA CLÁSSICA: REFLEXO DA MODERNIDADE, ÉDIPO REI.....	25
5	SÓCRATES: A MORTE DA TRAGÉDIA.....	31
6	CONCLUSÃO.....	41
	REFERÊNCIAS .....	45

## 1. INTRODUÇÃO

O filósofo alemão Nietzsche sempre demonstrou em suas obras a sua preocupação na busca de sentido para a conduta dos indivíduos, e foi por meio dos filósofos helênicos trágicos que ele conseguiu embasar-se para definir os padrões comportamentais que acreditava ser a forma correta a seguir, para ele o sujeito deveria agir conforme seus impulsos, e estas não deveriam ter limites, pois possuíam a função de criar elementos novos.

A preocupação de Nietzsche em revistar a história e de encontrar modelos de conduta surgiu através da necessidade de revelar uma suposta decadência comportamental dos sujeitos ocidentais, para o autor aqui já citado o responsável por justificar e legitimar tal decadência foi Sócrates. Sócrates fez vigorar na Grécia Antiga a racionalidade como princípio e base da verdade, e a consequência disto foi a criação da consciência racional e a fundamentação dos mecanismos de punição.

A consciência que surgiu como substrato da racionalidade passou a banalizar todas as outras formas de conhecimentos que não se encaixavam em seus princípios lógicos, e assim as impulsões que tornavam os indivíduos grandes, por ser oposta a racionalidade, foi colocada em descrédito.

A existência dos impulsos ou dos instintos não teve fim imediato, pois através das peças trágicas de Sófocles conseguiu uma prorrogação do seu declínio, mas seu enfraquecimento veio através das peças teatrais de Eurípedes, elas possuíam um teor menos instintivo, e a partir delas passou-se a adotar um teor racional, tal mudança propiciou o enfraquecimento do conhecimento instintivo trágico dentro das peças teatrais.

Ao apresentar os filósofos trágicos helênicos Nietzsche tenta resgatar o espírito criativo que advém da vontade dos desejos impulsivos, e este por não aceitar limites teria a capacidade de criar e produzir indivíduos mais fortes e esta capacidade é o que se precisa no mundo contemporâneo.

O interesse nesse tema partiu da necessidade de responder alguns questionamentos internos, perguntas sem respostas, que partiram das seguintes indagações: qual o comportamento certo a se seguir? O que é o certo em si? A resposta de Nietzsche foi um alento a tais questões, pois possibilitou perceber as formas sociais como moldes que limitam o comportamento humano. Tal resposta trouxe a luz o império de ideias que está posto no contemporâneo e como elas afetam os indivíduos e conduzem a humanidade a uma existência no engano.

O texto seguinte é organizado em quatro capítulos: Instinto Heleno; Tragédia Grega; Tragédia Clássica: Reflexo Da Modernidade, Édipo Rei e Sócrates: A Morte Da Tragédia. Estes têm a função de representar a existência oscilante da tragédia, seu auge e seu enfraquecimento, todo este cenário terá a função de representar a função dos valores instintivos, que se encontram nas peças trágicas, para a existência humana.

## 2. INSTINTO<sup>1</sup> HELENO

A ideia de vida no mundo moderno está se esvaindo, pois há muito a humanidade se dedica a uma cultura destruidora, que tem por princípio a punição. Tal conduta se mostra de forma destrutiva ao apresentar uma aversão à instintividade. A instintividade contrapõe-se a lógica ocidental fundamentada por Sócrates, pois não aceita moldes que limitem a realização de seus desejos, o principal molde que o conhecimento racional ocidental construiu é a autoestima e esta por sua vez é o elemento central que justifica o julgamento e que apresenta à necessidade de uma punição, em outras palavras: a racionalidade fundamentou a existência da consciência moral e a consequência foi a separação moral de elementos contrários que para o bem ou mal afirmavam a vida. Tal separação propiciou a categorização dos instintos como maléficos para existência por serem forças que buscam a satisfação dos desejos a qualquer custo. Esta oposição entre instintos e razão se desenvolveu mais enfaticamente na Grécia Antiga com Sócrates, este pensador foi, segundo Nietzsche, o principal fenômeno que desequilibrou a valoração destes dois elementos levando, conseqüentemente, à hierarquização da razão sobre os instintos, assim surgiu uma espécie de decadência, que segundo Nietzsche, define o espírito Ocidental.

As sociedades modernas ocidentais estão em decadência, entrando em colapso, pois há muito se esqueceu o que é viver, a vida existe em um campo hostil, rancoroso e vingativo, há “[...] aversão contra a própria vida: pois toda a

---

<sup>1</sup> Entenda-se o que é instinto, o que é instintivo: é o espontâneo, quer seja da natureza ou da cultura, a *phýsis* renovada e enriquecida; aquilo que, de tão arraigado, não passa pela consciência. Ele conduz à ação e ao juízo imediatamente, ao contrário da consciência que age sempre como mediadora. (SAMPAIO, 2004, p. 103)

vida repousa na aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivismo e do erro.” (NIETZSCHE, 2007, p.17). Não se pode mais errar, o erro é julgado e punido, a idolatria à racionalidade toma conta do senso ocidental, não se pode pensar para fora dos padrões lógicos racionalistas. Segundo Friedrich Nietzsche a existência das coisas só se *justifica* como fenômeno artístico, é um criar e um destruir, ela está para além da moral, pois esta é apenas a manifestação de uma autêntica autocracia. Mas, atualmente a racionalidade está acima da própria existência.

Para compreender o mundo moderno ocidental Nietzsche recorre a uma retomada dos elementos que se dispunha na Grécia Antiga, que continha segundo Alan Sampaio uma elevada alegria, e que se encontra em oposição à “jovialidade helênica tardia” que é a base estrutural da cultura moderna ocidental. É através do instinto helênico que Nietzsche apresenta sua solução para o problema moderno, pois segundo ele a “vontade de vida” existia somente nos elementos e no estado psicofísico dionisíaco.<sup>2</sup> Ao criticar um modo de vida, neste caso seria a ideia de humanidade ocidental, precisa-se apresentar o que é uma vida digna a ser vivida, Nietzsche para justificar-se apresenta os grandes homens da Grécia antiga.

---

<sup>2</sup> Segundo Nietzsche os mistérios dionisíacos manifestavam nos seguintes elementos: “[...] A vida *eterna*, o eterno retorno da vida; o futuro, prometido e consagrado no passado; o triunfante Sim à vida, acima da morte e da mudança; a *verdadeira* vida, como continuação geral mediante a procriação, mediante os mistérios da sexualidade. Para os gregos, então, o símbolo *sexual* era o símbolo da antiga religiosidade. Todo pormenor no ato da procriação, da gravidez, do nascimento desperta os mais elevados e solenes sentimentos. Na doutrina dos mistérios a dor é santificada: as “dores da mulher no prato” santificam a dor em geral – todo vir-a-ser e crescer, tudo o que garante o futuro implica a dor... Para que haja o eterno prazer da criação, para que a vontade vida afirme eternamente a si própria, *tem* de haver eternamente a “dor da mulher que pare”... A palavra “Dionísio” significa tudo isso: não conheço simbolismo mais elevado que esse simbolismo *grego*, o das dionisíacas. O mais profundo instinto da vida, é nele sentido religiosamente – e o caminho mesmo para vida, a procriação, como o caminho *sagrado*... Só o cristianismo, com seu fundamental ressentimento *contra* a vida, fez da sexualidade algo impuro: jogou *imundície* no começo, o pressuposto de nossa vida...” (NIETZSCHE, 2017, p. 89)

A época trágica dos gregos é um momento na história louvado por Friedrich Nietzsche, pois foi nesse momento em que mais se criou sistemas de pensamento, em que mais ocorreram erros, mas todos esses sistemas errôneos ou não, construíram um cenário polifônico na alma grega. Tal cenário demonstrava conflitos de sistemas opostos que tinha por intuito justificar a sua veracidade, tal ação fertilizava o solo para novos sistemas, porém os gregos não acumulavam o conhecimento de forma vã, segundo Nietzsche eles são louváveis na arte do conhecimento fecundo, utilizam o que apreenderam para a vida e não somente para acumular conhecimento.

A instintividade dos gregos lhes impulsionava para um desenfreado acúmulo de conhecimento, mas colocaram freio em tal desmesura, pois esta força desmesurada representava o fim em si mesmo:

[...] O caminho em direção ao início leva por toda a parte à barbárie; e quem se dedica aos gregos deve sempre ter presente que o impulso do saber, sem freios, é em si mesmo, em todos os tempos, tão bárbaro quanto o ódio ao saber, e que os gregos, por consideração a vida, por ideal necessidade de vida, refrearam seu impulso de saber, em si insaciável – porque aquilo que eles aprendiam queriam logo viver. (NIETZSCHE, 2008, p.5)

Ao frearem a vontade excessiva dos gregos estagnaram sua sede por conhecimento, e com isso passaram a trabalhar sobre o conhecimento existente, moldaram, talharam e purificaram os saberes já existentes, pois tais feitos “tornaram-se inventor”, esse processo desencadeou o elemento que compõe o grande problema da modernidade ocidental a infertilidade<sup>3</sup>, pois os

---

<sup>3</sup>Tal infertilidade se embasa no campo da relação do homem com a sua natureza, pois quando se rompeu com os instintos rompeu-se também com a natureza do homem, Nietzsche aponta que o erro dos gregos e da tradição socrática é dar mais valor para as coisas que seguem depois, segundo ele algo só pode ser sentido no âmbito sensorial, tem de ser de primeira ordem “*causa sui [causa de si mesmo]*”, O grande erro ou idiosincrasia segundo Friedrich Nietzsche. que ocorre na fundamentação do sistema moderno é considerar o efeito mais valioso do que a causa que deu origem ao efeito. “A outra idiosincrasia dos filósofos não é menos perigosa: ela consiste em confundir o último e o primeiro. O que vem no final – infeliz, pois não deverias jamais vir! -, os “conceitos mais elevados”, isto é, os conceitos mais gerais,

gregos passaram a desenvolver os conhecimentos já existentes a geração seguinte em toda sua abrangência nada mais se inventou para além dos moldes existentes, tudo que se tem hoje são apenas derivações dos conhecimentos do passado histórico das civilizações ocidentais, assim nenhum novo saber ou forma de pensar surgiu, o que persiste é a exaltação de velhos elementos, a vida só tem espaço se houve a morte.

Segundo Nietzsche os filósofos mais grandiosos são os mestres gregos: Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, Demócrito e Sócrates. Eles foram grandes por compartilharem as mesmas características que seriam a busca solitária por conhecimento e a desconsideração de qualquer convenção que viesse a interferir em seus objetivos, de acordo com o autor:

[...] Todos possuem a energia virtuosa dos Antigos, pela qual superam todos os que vêm depois, e que lhes permite encontrar sua forma própria e a dar a esta seu desenvolvimento pleno, nos por menores mais pequenos e nas proporções mais amplas, graça a metamorfose. Pois, não veio moda alguma ao seu encontro que presta-se aliviá-los. (NIETZSCHE, 2008, p.5)

A grandeza dos filósofos gregos antigos ou, como chamou Schopenhauer, os gênios acentuavam-se na atitude instintiva, na busca por conhecimento e por sua capacidade de desenvolver e incorporar o saber adquirido. Sua vontade estava para além das convenções sociais, busca desenfreada e insaciável, foram grandes porque sabiam e eram impulsionados

---

mais vazios, eles põem no começo, *como começo*. Novamente é apenas expressão de seu modo de venerar: o mais elevado *não pode* ter se desenvolvido a partir do mais baixo, *não pode* ter se desenvolvido absolutamente... Moral: tudo que é de primeira ordem tem de ser *causa sui* [causa de si mesmo]. A procedência de algo mais é tida como objeção, como questionamento do valor." (NIETZSCHE, 2017, p. 22). Em resumo a infertilidade é decorrente do sistema de pensamento contemporâneo que retirou a causa primária (os sentidos, que é o núcleo produtor de conhecimento, por ser o passo inicial) e introduziu a razão como núcleo de produção, por consequência romper com os sentidos leva a infertilidade.



ao ato de criar. Segundo Nietzsche seus diálogos eram espiritualmente sublimes e seu modo de pensar diferenciavam-se muito dos modernos, pois:

[...] O Juízo desses filósofos sobre a vida e sobre a existência em geral é muito mais significativo do que um juízo moderno, porque tinham diante de si a vida numa plenitude exuberante e porque neles o sentimento do pensador não se enreda, como em nós, na cisão no desejo da liberdade, da beleza, da grandeza da vida, e do instinto de verdade, que só pergunta: o que é que a vida vale? (NIETZSCHE, 2008, p. 6)

Os sistemas de pensamentos que os filósofos antigos criaram eram divulgados para grupos distintos de forma restrita e tinha por característica a oposição a “unidade de estilo” ou sistemas, e apresentavam um efeito de redenção, pois ao fundamentarem os diversos argumentos sobre a *Arché* apresentavam preocupações sobre a existência. E isto enveredou uma tentativa de “salvação e purificação em geral”. Tal feito ocorreria através do esclarecimento sobre a realidade. Segundo Friedrich Nietzsche cada pensador antigo contribuiu com algum elemento para as posteriores gerações.

O filósofo Tales de Mileto dentro de seu sistema de pensamento vigorava a crença na natureza, pois na medida em que acreditava que tudo proveio da água justificativa tal crença. Os gregos que viveram no mesmo período em que Tales eram opostos à sua forma de pensar, visto que acreditavam na realidade dos Homens e dos Deuses e para eles a natureza era apenas uma aparência da verdadeira realidade. Ele não acreditava apenas em “Homens-Deuses” ou em uma Natureza imponente, toda a realidade resumia-se em um único termo, “Tudo é Um”. (NIETZSCHE, 2008, p.12). Anaximandro tinha por sistema uma forma peculiar de pensar o nascer e o morrer ou em outras palavras o vir-a-ser. Segundo Nietzsche “[...] todo vir-a-ser como uma emancipação do ser eterno, digna de castigo, como uma justiça que deve ser expiada pelo sucumbir” (NIETZSCHE, 2008, p.13). Heráclito de

Efésios trás sua contribuição segundo seu modo de pensar tudo é movimento, é “*devir*”:

[...] Só vejo o devir. Não vos deixeis enganar! É à vossa vista curta e não a essência das coisas que se deve o fato de julgares encontrar terra firme no mar do devir e da evanescência. Usais os nomes das coisas como se tivessem uma duração fixa; mas até o próprio rio, no quais entraís pela segunda vez, já não é o mesmo que era da primeira vez. (NIETZSCHE, 2008, p.16)

O pensador Parmênides considerava que o vir-a-ser defendido por Heráclito não condiziam com a verdadeira realidade, pois para ele:

[...] Verdadeiramente existe apenas um caminho correto; mas, querendo dirigir-se por outro caminho, o único correto é o caminho da minha opinião, por seus bens e suas consequências – conhecimento o único itinerário da verdade.” (NIETZSCHE, 2008, p.26)

Para tal pensador só pode existir uma única verdade “o ser ou não ser”, com isso fundamenta-se a base do conhecimento racional que é o princípio da identidade. Anaxágoras aprofunda mais o conceito de identidade, segundo o mesmo os “dessemelhantes nunca podem provim do semelhante e que a mudança não pode provim de um *ente*.” (NIETZSCHE, 2008, p.37)

Os pensadores Tales, Heráclito, Anaximandro e Parmênides, apresentaram teorias distintas de sistemas de pensamento a única coisa em comum entre eles é a promoção de uma “vontade excessiva” que movimentou debates sobre o princípio da existência, sobre verdade, identidade, sobre o ser e outros, as existências destes pensadores apresentaram para o mundo, segundo Nietzsche, a forma mais clara de valorizar a vida, pois estes filósofos manifestaram em suas ações o mais alto nível de expressão das potências instintivas. Os elementos que manifestaram na vida destes gênios, apresentam mais claramente nas peças trágicas por propiciarem um terreno fértil, tal arte

representa uma duplicidade, que lutam incessantemente e que se reconciliam em outras palavras são divergentes e conflitantes o que torna semelhante ao cenário de produção do conhecimento helênico antigo, assim tanto estes pensadores quanto a tragédia compartilham o mesmo elemento, a ação conflitante em busca de expressão das impulsões, e além destes elementos segundo Nietzsche partilham também as mesmas conceituações – “tudo é um”, a identidade, devir e outros.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Não se sabe ao certo se foi a tragédia grega que propiciou a intuição da fundamentação destes conceitos ou se foi a corrente de pensamento deste filósofo que influenciou a tragédia, mas é claro o compartilhamento conceitual. Na Grécia antiga não havia distinção entre os espaços de conhecimento, poesia e filosofia, tais momentos eram indistintos, este deve ser um dos motivos de tal semelhança. Também deve ser considerado que, Segundo Friedrich Nietzsche, em sua obra *Introdução à tragédia de Sófocles*, as tragédias de Eurípedes foram influenciadas diretamente pela doutrina socrática, mas as tragédias são derivadas anteriormente pelas religiões campestres que surgiram anteriormente à formação da polis, ou seja, a tragédia possui elementos mais antigos que as ideais e as conceituações dos filósofos aqui apontados, fica assim em aberto, pois esta investigação apresenta diversos discursos que neste momento não pretendemos abordar.

### 3. TRAGÉDIA GREGA

A vida na era trágica dos gregos resumia-se em um conceito encontrado diluído nas obras Nietzsche, Vontade de Potência. Tal conceito só faz sentido se pensado em termo de excesso, o excesso nada mais é que uma vontade insaciável de satisfação dos desejos do sentido. Mas qual a relação entre a tragédia e a vida? Antes de prosseguir há a necessidade de expor o conceito de tragédia, segundo Marcos Sinésio Pereira Fernandes:

A palavra tragédia (τραγωδία) deriva de trágos (τραγός), que significa 'bode; puberdade, os primeiros desejos do sentido, lubricidade (pois o bode simbolizava para os antigos, pelas suas características, o desejo sexual, a lubricidade)', e de ode (ὠδή), que significa 'canto com acompanhamento de instrumentos; ação de cantar. (SINÉSIO, 2005, P.08)

O conceito de tragédia em outras palavras significaria a ação sexual impulsionada pelos desejos instintivos de procriação, envoltos em rituais ordenados por movimentos que são conduzidos pela ação da música. Outra relação que se pode estabelecer sobre o conceito de tragédia é uma de uso comum no cotidiano que é a sua relação com catástrofes, acontecimento funestos e outros, mas essa outra forma de significação é derivada das peças trágicas que retratam desastres, a única ligação entre o primeiro e o segundo sentido do conceito é o êxtase advindo das referidas ações, mas aqui se implica a relação que manifesta a valoração da vida, seria a que manifesta o ato de procriar.

A tragédia na Grécia antiga surgiu em forma de ritual de sacrifício. Na era arcaica eram colocados em pratica rituais de sacrifícios que tinham por objetivo sacrificar um indivíduo envolto em impurezas e esta ação serviria para purificar a comunidade; em Atenas existia um ritual chamado Targélias, era

dedicado a dois deuses do panteão grego, a Apolo e Ártemis, neste ritual um homem e uma mulher eram ofendidos e agredidos enquanto andavam nas ruas, após todo esse percurso eram sacrificados fora da cidade, estes indivíduos eram chamados de bodes expiatórios, pois como no primeiro exemplo tinha a função de expurgar os males da sociedade.

A tragédia segundo Nietzsche tinha como principal representante simbólico Dionísio, sua função seria valorizar ou representar a fertilidade. O culto a Dionísio se diferencia de outros cultos semelhantes através do meio que era utilizado para alcançar seu objetivo que são comuns em todos os rituais semelhantes. O culto a Pã requeria sacrifício de seres vivos, este rito tinha o foco de alcançar uma espécie de êxtase, já o culto a Dionísio o êxtase provinha da “loucura divina produzida pelo vinho”. O culto a Dionísio na Grécia helênica teve uma forte expressão espiritual, semelhante a outros cultos o que diferencia o culto gregos dos demais foram os meios que foram utilizados para chegar a seu objetivo:

[...] na Babilônia recebe o nome de Sáceas. A completa liberdade da natureza era reproduzida durante cinco dias; Yoda a relação política ou social era rompida. Em uma grande festa de liberdade e igualdade na qual a casta dos servidores recuperava o seu direito original Estrabon chama as Sáceas de uma festa báquica. Entre babilônios, armênios e persas, a mesma festa; comparar com isso as Saturnais, as Floralias, as *NonaeCaprotienaedos* romanos, uma festa de escravos em Creta Pelóriastessálias. Em toda parte, o centro está na alegria sexual, na aniquilação de toda instituição familiar pela heteria. Uma contrapartida de tudo isso é oferecido pelo quadro das orgias dionisíacas que Eurípedes esboça nas *Bacantes*. (NIETZSCHE, 2014, p.15)

As semelhanças entre os objetivos propagados pelos diferentes ritos, o êxtase, o rompimento de formas sociais, a inversão de valores, a quebra de identidades, não reduziram a enorme diferença que separavam os *gregos dionisíacos* dos demais cultos dionisíacos religiosos, o que trouxe essa diferença tão grandiosa demonstra-se na união entre duas potências a

apolínea e a dionisíaca, o que não era encontrado constantemente em outras formas de rituais, segundo Nietzsche ele demonstra-se da seguinte maneira:

[...] sob a pressão deste pacto de paz, a potência dionisíaca se manifestou, reconhecemos agora nas orgias dionisíacas dos gregos, em comparação às Sáceas<sup>5</sup> babilônicas e sua retrogradação do homem ao tigre e ao macaco, o significado das festas de redenção universal e dos dias de transfiguração. Só com elas alcança a natureza o júbilo artístico, só com elas torna-se o rompimento do *principium individuationis* um fenômeno artístico. (NIETZSCHE, 2007, p.31)

A ligação entre essas duas potências demonstra-se em importância no processo descrito por Heráclito como luta dos contrários, a luta entre duas forças opostas gera algo novo, “da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos,” (NIETZSCHE, 2007, p.24), ou seja, traz algo novo à vida derivada de uma dualidade conflitante, que se reorganizam e se caracterizam. E o referido elemento que é derivado da relação entre as forças apolínea e dionisíaca é apropriada da tragédia grega; o caráter dionisíaco em seu princípio surgiu em sociedades que tinham como economia a agricultura, para manter o solo e as mulheres férteis colocava em práticas rituais sacrificiais de animais, todo esse processo causava um grande êxtase no grupo, com a introdução desses rituais na Grécia foram incorporados nas peças teatrais o teor trágico, e este evento iniciou uma grande mudança no objeto de

---

<sup>5</sup> Na obra de Friedrich Nietzsche intitulada *A visão dionisíaca do mundo* há uma introdução escrita por Marcos Sinésio Pereira Fernandes e nesta introdução ele descreve o ritual que ocorria nas Sáceas: “Nas Sáceas babilônicas [...] um prisioneiro era sacrificado depois de ser nomeado rei da Babilônia por cinco dias, tempo em que tinha direito a desfrutar de todo o harém do próprio rei e de dar livre curso a todos os seus apetites até o momento de seu sacrifício. Durante este tempo as orgias eram celebradas em toda a cidade. Os sacerdotes rezavam nos templos para que o caos não tomasse definitivamente conta de toda a cidade, até o prisioneiro-rei ser sacrificado. Depois disso, o antigo rei, representando Marduk, o rei dos deuses babilônicos, libertando-se do mundo dos mortos em que estivera detido durante o tempo das orgias, matava Tiamat, o monstro que ameaçava o mundo com sua força caótica, e que tinha caráter feminino. Do corpo de Tiamat dividido em dois pela sua espada ele fazia ressurgir o Céu e a Terra, e assim reinaugurava a ordem no universo. Pouco depois, a ordem em toda a cidade era restaurada, e o rei assumia novamente o seu reinado”. (SINÉSIO, 2005, p.9)

provocação do êxtase, se antes era o sacrifício no teatro o êxtase é advindo através do choque imagético, derivado do contanto com o coro<sup>6</sup> e com as formas aparentes.

O ponto chave para entender o pensamento de Friedrich Nietzsche é entender que a vida em si mesma é o fim, o indivíduo quando nasce está fadado a morrer, seja pela arma de outro, por doença ou através do tempo. Assim faz-se uma pergunta, qual o motivo de existir? Além das limitações naturais os indivíduos ainda são sujeitados a convenções sociais que os apreende em formas padronizadas, e isto torna a existências em casos específicos, como a escravidão, inóspitas ou em outras palavras infértil. Como superar as limitações naturais e sociais? Primeiramente a natural deve ser compreendida, pois não tem como a superar-lá <sup>7</sup>; na obra *A Filosofia na Época*

---

<sup>6</sup> Friedrich Nietzsche apresenta o coro através da visualização de Schiller sobre o tema, descreve como um elemento trágico que serviria para romper com o naturalismo e com as formatações sociais, segundo ele: “1º) O coro transforma o mundo vulgar moderno no mundo poético antigo, porque o coro torna, nessa peça, inutilizável o que repugna à poesia e impele aquela no sentido mais simples, mais originais e mais inocentes. O palácio dos reis está, agora, fechado, os tribunais retirados para o interior das casas; a escrita destituiu a palavra viva; o povo, a massa sensível viva, tornou-se Estado, uma abstração, os deuses voltaram para o peito dos homens. O poeta tem de novo que abrir os palácios, reconduzir os tribunais para baixo do céu aberto, erguer novamente os deuses, atirar fora todas as fincarias artificiais *no* homem e em torno dele. Tudo isso o coro produz. 2º) A reflexão há de lutar na tragédia. (A tragédia, que apresenta os mais profundos conflitos da vida e do pensamento não pode prescindir da reflexão.) Ela cabe ao coro: este não é nenhum indivíduo, mas um conceito representado por uma massa poderosa em termos sensíveis. O coro abandona o âmbito estreito da ação para estender-se sobre passado e futuro, sobre o humano em geral, tirando as grandes conclusões da vida. Ele faz isso com o pleno poder da fantasia, com uma audaz liberdade lírica, acompanhado por todo o poder sensíveis do ritmo e da música. O coro *purifica* o poema dramático na medida em que separa a reflexão da ação e, através dessa separação, arma a ação com força poética. 3º) A língua lírica do coro constringe o poeta a elevar toda a linguagem do poema. Esse vulto gigantesco, uno pela sua imagem, obriga-o a pôr suas figuras sobre coturnos e dar-lhes grandeza trágica. Se o subtraímos, então, o que é grande e poderoso parecerá forçado e exagerado. 4º) Ele traz calma para a obra de arte à medida que quebra a violência dos afetos. O ânimo do espectador deve conservar a sua liberdade na ação mais veemente. Nós não devemos nos misturar com a matéria.” (NIETZSCHE, 2014, p.42)

<sup>7</sup> O conceito usado por Friedrich Nietzsche para explicar tal ação é o *amor fati* que tem por significado amor pela fatalidade, tal conceito enraizar-se em afirmativas como aceitação incondicional da vida, exaltar a vida em sua verdade material fugindo das ilusões e consequentemente concordando com todos os aspectos da realidade dos felizes aos trágicos. O *amor fati* tem importância na filosofia de Nietzsche por destacar como necessária a dualidade no real uma vez que a sociedade contemporânea tende a viver em ingenuidade por rejeitar o que lhe parecem desagradável, um exemplo é a dor ela é necessária para a formação

*Trágica dos Gregos*, Nietzsche aponta que a melhor forma a ser vivida é como os pensadores helênicos trágicos viveram que seria trabalhando a vontade de forma excessiva deixando de lado as limitações sociais. A forma mais eficaz de se lidar com a efemeridade da vida é trabalhar a existência através da arte trágica, pois ela é a única que pode embelezar a vida, e esta tem, segundo Nietzsche, duas faces a Apolínea e a Dionisíaca, forças artísticas que são opostas: a primeira representa a aparência, a consciência racional e outros, já o segundo representa a relatividade da identidade, a instintividade, a embriaguez, etc... Ambas são necessárias para o embelezamento da vida.

---

do indivíduo uma vez que completa a experiência de vida do sujeito. Segundo Nietzsche a fórmula para ser um grande homem: É não desejar nada para além do que é, nem no futuro nem no passado, tem que suportar as coisas como elas são.



#### 4. TRAGÉDIA CLÁSSICA: REFLEXO DA MODERNIDADE, *ÉDIPO REI*<sup>8</sup>

A necessidade de representação da tragédia faz-se necessária enquanto justificativa, e para tal objetivo a tragédia *Édipo Rei* é umas das grandes obras ocidentais que se encaixam dentro do conceito de uma bela obra trágica, pois nela espelha-se o homem moderno que é resultante da tradição racionalista que cega o homem e o limita a formas, tal obra trágica é o reflexo da sociedade moderna.

Antes de citar a obra *Édipo Rei* faz-se necessário fazer alguns apontamentos sobre as peças trágicas. A tragédia grega é apresentada em duas formas: 1) a moderna que tem como elemento característico “segundo o modo de ver de Aristóteles [...] é pura e simplesmente uma má tragédia, porque nela a antinomia entre destino absoluto e culpa fica insolúvel” (NIETZSCHE, 2017, p.3); 2) e o clássico é “um pressuposto destino, que espreita invejosamente, que não se desenvolve”, e o *Édipo* é o mais eloquente arauto dele. A expressão mais popular para essa teoria é o termo “justiça poética”. Culpa e sofrimento em exata proporção, isto é toda a infelicidade é castigo [...] (NIETZSCHE, 2017, p.3).

A diferenciação entre a cultura moderna e a clássica tem por base a dicotomia entre a punição e a ação sem ressentimento, tal diferença torna-se mais nítidas através da produção artística das tragédias, pois demonstra as necessidades de seu tempo. Enquanto a moderna tem por foca criar uma

---

<sup>8</sup>*Édipo Rei* é uma obra do tragediógrafo Sófocles (496-406 a.c), esta obra trágica foi criada por volta de 427 a.c, é considerada por Aristóteles na sua obra *Poética* como uma das maiores tragédias já produzida e a mais célebre produzida por Sófocles. Nesta obra o herói Édipo “atormentado pela profecia de Delfos, de que iria matar o pai e desposar a mãe Édipo tenta – inutilmente – fugir de seu destino”

justificativa para a existência da punição<sup>9</sup>, a clássica apresenta a liberdade de ação, uma vez que o dito destino não tem por função julgar, mas sim criar um cenário para as ocorrências. Na peça *Édipo Rei* apresenta ações que demonstram um desenvolvimento da dita “justiça poética”, pois o grande “crime” que ocorrer na peça é propiciado por Édipo, mas nenhum personagem – sabendo ou não da verdade – não ousa acusá-lo ou puni-lo ele é seu próprio juiz seu próprio carrasco<sup>10</sup>; na peça também é descrito um evento que é a morte de Laion o rei de Tebas, ao contrário de Édipo, ele é punido e julgado pelo próprio destino. Na mesma peça trágica são descritas duas formas de concepção uma que julga e a outra que não, isto mostra o quanto é vívida a tragédia grega, pois possibilita não apenas uma concordância com os fatos ocorridos, mas também a capacidade de produzir autonomia a partir da representação imagética que se dispõe em diversidade.

Para compreender com mais clareza a obra *Édipo Rei* será apresentada a partir do viés da conduta do herói e como ele se considera sábio, por decifrar o enigma da esfinge, um feito nobre, grande e que marca na peça um clima dicotômico uma vez que resolve a questão, mas não consegue ver a si mesmo como enigma fundamental. Logo, de que serve tal feito se ele não pode

---

<sup>9</sup> Na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, de Friedrich Nietzsche, a punição surge através da criação de conceitos que tentam imprimir um ordenamento social, alguns exemplos são: o conceito de livre-arbítrio, a ideia de vontade, de intenção e atos de responsabilidade. Todo esse aglomerado de conceitos tem exclusivamente a formatação do homem, assim limitando o campo de decisão sobre sua própria existência, pois os conceitos citados têm por função a criação do ressentimento, o indivíduo deve obstruir seus desejos para não sofrer. Segundo Nietzsche, “Toda a velha psicologia, a psicologia da vontade, tem em seus pressupostos no fato de que seus autores, os sacerdotes à frente das velhas comunidades, quiseram criar para si o *direito* de impor castigo – ou criar para Deus esse direito... Os homens foram considerados “livres” para poderem ser julgados, ser punidos – ser *culpados*: em consequência, toda ação teve de ser considerada como querida, e a origem de toda ação, localizada na consciência [...]” (NIETZSCHE, 2017, p.38).

<sup>10</sup> Mas também se pode supor que a própria ação do auto-julgamento foi um condicionante propiciado por derivantes do mecanismo de punição, que segundo Friedrich Nietzsche é o recentemente, mas com todas as interpretações sobre o auto-julgar-se de Édipo o sentido permanece, uma vez que as percas trágicas permitam produz interpretações livres de fundamentações limitadoras.

resolver o próprio destino? “[...] palavras e atitudes grandes ficam bem em decadentes...” (NIETZSCHE, 2017, p.88). Atal perspectiva se desdobra da ideia de “Vontade de Verdade” que será apresentado na peça Rei Édipo, uma vez que ele representa não só o conhecedor, mas aquele que anseia em conhecer. O que se deve ser destacado é o poder da tragédia grega, ela tem a força da identificação com o personagem e é neste intuito que apresento Édipo como espelho da consciência moderna.

Nietzsche é um crítico da modernidade, do racionalismo contido nas bases essenciais das ciências modernas. Critica também a moral cristã por ter seus fundamentos nas ideias de culpa e de uma verdade absoluta. O elemento que relaciona estas duas críticas é a ideia de verdade, estes elementos, para o pensador, fundam ideias egocêntricas e individualistas que com toda fundamentação científica e com a fé cristã torna o homem decadente. Em cada mudança na racionalidade de uma época muda-se o indivíduo, a ética da modernidade valoriza ídolos, uma ética que tem como finalidade aprisionar o modo de pensar, de agir e o modo de ser, assim negando o melhor que temos, - os instintos humanos. O homem decadente é aquele que não faz suas escolhas, que não é autônomo com relação ao conhecimento, que coloca na frente da vida a economia, os valores científicos e outros, é simplesmente uma existência de acorrentados pela ideia de conhecimento que não são a favor da vida e muito menos benéficos a ela, antinaturais:

Todo naturalismo na moral, ou seja, toda moral *sadia*, é dominado por um instinto da vida – algum mandamento da vida é preenchido por determinado cânon de “deveres” e “não deves”, algum impedimento e hostilidade no caminho da vida é assim afastado. A moral *antinatural*, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida – é uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos. (NIETZSCHE. 2017. p.29)

Nietzsche destaca que a moral natural é a favor dos instintos da vida, que em si não é hostil, pois criariam seus próprios entraves naturais se fosse prejudicial à vida, sua finalidade seria a exaltação da existência. Já a moral antinatural se apresentaria como entrave, pois se apresenta contra os instintos naturais, atualmente disseminadas profundamente nas sociedades contemporâneas, este momento é uma negação da humanidade, antinatural. Uma condenação invisível, uma escravidão. Com a distinção da moral natural da antinatural ver-se claramente a ideia de valorização das artificialidades e um mascaramento da vida na escuridão e no descrédito. A base do conhecimento nos dias de hoje baseia-se numa cientificidade, que limita a cultura que por sua vez limita o homem e o faz carregar fardos e discriminar a própria vida.

O que resta para o homem após deixa os fardos que antes pesavam tanto sobre suas costas? Segundo Friedrich Nietzsche na obra *Assim Falou Zaratustra* no tópico referente ao título, *As três Metamorfoses*, o homem passa por três estágios espirituais o camelo, leão e a criança. Cada uma destas formas de espíritos tem suas características, o primeiro é referente à força instintiva que suporta fardos pesados sem questionar e que se vangloria de sua resistência, mas que ignora a voz de seus interesses para buscar elogios de outros; o segundo demonstra o descontentamento e a revolta de ter carregado todo o peso que o transformava, o que reina em seu peito não é mais uma vontade de elogios alheios, anseia agora por liberdade de criar-se em suas mãos, quer ser senhor de si mesmo, mas para isso tem que derrotar os valores que os acorrentam; o terceiro é o resultado final e o início da mudança, é a representação mais clara e inocente da instintividade humana.

O leão oferta a força bruta que cria liberdade ou espaço para a autocriação. Na peça *Rei Édipo* é demonstrado em sua revolta ao descobrir sua falta, seu pecado que há muito já estava traçado. A interpretação de mundo que criou a partir de sua consciência dava a sensação de conforto, pois há muito se esquecera da tragédia que o espreitava como uma sombra no escuro. A revolta do leão traz a dor que vem através da descoberta da vida ilusória, está sendo resultado do erro nas crenças em valores exteriores aos instintos deste mesmo, mas com tal dor surgir o princípio da transformação, a fala do personagem Corifeu relata sobre a grandeza e a queda de Édipo:

Olhai, habitantes de Tebas minha pátria. Vede Édipo, esse decifrador de enigmas famosos, que se tornou o primeiro dos humanos. Ninguém em sua cidade podia contemplar seu destino sem inveja. Hoje, em que terrível mar de miséria ele se precipitou! É, portanto esse último dia que um mortal deve sempre considerar. Guardemo-nos de chamar um homem feliz, antes que ele tenha transposto o termo de sua vida sem ter conhecido a tristeza. (SÓFOCLES, 2018, p. 92)

A fala de Corifeu finaliza a obra *Rei Édipo* demonstra um aviso sobre uma ação avaliativa sobre a consideração de felicidade. Mas através das entrelinhas a problemática sobre a consciência racional é mais clara e incisiva, pois demonstra a primeira metamorfose do espírito e esta é a experiência de ruptura com os valores, antes estabelecidos, causando uma dor que destrói, mas também que cria. A tragédia de Édipo é o início de um novo ciclo na vida dele, ciclo esse que se estende na obra *Édipo em Colono* esta obra vai mostrar a purificação do herói de Sófocles a partir da dor, segundo Pe. Dias Palmares (2017, p. 27):

Para contrabalançar um destino tão desarmonioso, sentiu Sófocles mais tarde a necessidade de escrever o Édipo em Colono. Se antes o vencedor da esfinge tinha caído do fastígio do poder na miséria mais profunda, a ponto de ser expulso da pátria, como um preceito, era mister que ele, agora, depois de purificado pela dor aparecesse aos olhos dos Atenenses reconciliado com os deuses e glorificado por uma morte misteriosa. Este era um dos temas prediletos de Sófocles:

- o sofrimento dá aos homens a sua verdadeira grandeza. Eles serão objetos de comiseração, se, aguilhoados pela dor, caem em si e se submetem à vontade soberana; e neste caso, expiada a culpa, o paciente é moralmente reabilitado e as Erínias, as executoras da vingança divina, transformam-se em Euménides, isto é, em divindades benévolas. E assim, enquanto no Rei Édipo o protagonista é quase divinizado pelos homens, mas odiado pelos deuses, aqui dá-se o contrário: está reconciliado como os deuses e só os homens lhes disputam sua grandeza, até que, desembaraçado de todos os obstáculos, parte da vida. Esta é, pois, ideia fundamental do drama: uma vida de longos trabalhos expiatórios recompensados por uma morte gloriosa.

Dias Palmares descreve toda a grandeza obtida pela glória de uma vida racional nada vale se não se experiencia a dor como complemento da vida. O camelo que se dirige ao deserto em busca da liberdade sente e a dor de uma vida de enganos e ilusões. Édipo em Colono é a representação imagética de um estágio da evolução humana que já ocorreu, e vigorou na Grécia Antiga pré-socrática, mas que foi esquecida e dissimulada ao longo do tempo. A modernidade é a representação mais incisiva que fortalece deste movimento de formatação de mentes, pois em conformidade com revoluções ideológicas como o iluminismo tendem a justificar a necessidade de controle social, tais ideias não são ruins nos discursos, mas como foi visto durante a Guerra-Fria, com o Capitalismo e Socialismo, apresentaram grandes e convincentes propostas discursivas para uma boa administração social, mas na prática foram extremos desastres.

## 5. SOCRÁTES: A morte da tragédia.<sup>11</sup>

O problema cultural que se encontra na modernidade é resultado de uma tradição socrática. A questão central que está entrelaçada neste problema é a vida, as existências ao longo do tempo veem perdendo estima, pois o modo de pensar sobre ela modificou-se. Mas qual evento trouxe a decadência da vida? Nietzsche aponta um culpado. Sócrates foi o grande transformador da ordem vigente na Grécia antiga, pois propiciou a ruptura entre a existência trágica e a prudência racionalista, isto modificou toda uma tradição posterior, mas como tal pensador conseguiu tal feito?

O que rege a forma de pensar de uma sociedade é a consciência coletiva, para conseguir chegar a seu objetivo ele modificou tal elemento, todo esse processo de modificação teve como coluna base a dialética, foi através dela que Sócrates conseguiu modificar a forma de pensar<sup>12</sup> de toda uma

---

<sup>11</sup> O pensamento trágico afirma que tudo tem seu fim inclusive arte trágica, tal afirmação apresenta um clima contraditório, uma vez que os valores trágicos são condizentes com o fim de todas as coisas desconforta-se com o seu fim. O causo não é o fim em si, mas como ocorreu o fim. Segundo Friedrich Nietzsche: "A tragédia grega sucumbiu de maneira diversa da de todas as outras espécies de arte, suas irmãs mais velhas: morreu por suicídio, em consequência de um conflito insolúvel, portanto tragicamente, ao passo que todas as outras expiraram em idade avançada, com a mais bela e tranquila morte. Se de fato corresponde a um feliz estado natural separar-se da vida com uma bela descendência sem qualquer espasmo, então o fim daquelas espécies de arte mais antigas nos mostra semelhante estado natural feliz: elas afundam lentamente e diante de seus olhares moribundos já se erguem os seus mais belos renovos, que alcançam a cabeça com breves gestos impacientes. Com a morte da tragédia grega, ao contrário, surgiu um vazio enorme por toda a parte profundamente sentido." (NIETZSCHE, 2007, p.69)

<sup>12</sup> A dialética foi sem dúvida o de fundamental importância na transformação da consciência coletiva, mas um fato relevante a se ressaltar foi sua morte. Em vida tal pensadora ferozmente valorizou a lógica racionalista e por consequência desvalorizou os instintos ou os desejos, assim desconstruiu toda uma tradição trágica. A dialética conseguiu convencer alguns gregos que se transformavam em discípulos ou fica introduzido em seu nicho de relações, mas ele como ele abrangeu grande parte da Grécia? Pode-se pensar que seu pensamento tornou-se mais conciso por sua morte trágica, e sua morte não deixa de ser um sacrifício, um sacrifício que serviria para valorizar a fertilidade, mas para selar a hierarquia da razão sobre as demais lógicas. Em resumo Sócrates no seu fim utilizou da tragédia para divinizar sua forma de pensar, e com seus discípulos o socratismo foi difundido em toda a Grécia, e mais tarde com os romanos para toda a Europa – é importante ressaltar que em qualquer período uma bela

geração e posteriormente transformou-se em tradição, assim tornando a existência um conceito vazio de sentido. Segundo Alan Sampaio (2004, p.101):

O mundo moderno está impregnado da cultura socrática; os sistemas educativos têm como ideal o homem teórico e tomam o douto como homem culto, o erudito, não mais o sábio. Também as artes poéticas estão contaminadas por esse ideal: dos seus experimentos com uma linguagem estranha nasce uma rítmica artificial, pois visa responder à altura alcançada pelo erudito, e, com isso, a canção está comprometida em sua cadência, melodia e no próprio estado de ânimo que suscita; em alguma medida, a fruição do elemento musical é travada quando, diante de uma linguagem pouco familiar, exige-se o entendimento. Assim faz-se o moderno teatro musical, a ópera. Com a tendência de tornar o conceito e a representação seus guias, ela não pode mais ser regida por Dionísio, mas pelo otimismo teórico. A arte vê-se reduzida a instrumento de prazer; vista como efêmera, ela deve servir apenas à diversão. NT §18-19.

Os movimentos trágicos ou a própria peça trágica modificou-se com esta mudança de paradigma propiciada pelo socratismo, se antes a tragédia teria a função de resgatar elemento dos cultos religiosos dionisiacos tendo por finalidade valorizar a vida através do êxtase, no contemporâneo os elementos que antes tinham importância em significado tornaram-se coisas vazias e sem importância simbólica. Ao introduzir o otimismo teórico, Dionísio sucumbiu uma vez que os cultos deste foram fundados para trabalhar o medo da morte, o otimismo teórico dá uma nova rota e esta não precisa fazer cultos religiosos para amenizar a efemeridade da vida, precisa apenas ser racional.

Este movimento que retira a espiritualidade transformando os seres em coisas tem início com Sócrates, pois ele é no ocidente o símbolo maior de introdução dos fundamentos que julgam e crítica à vida, com ele a ideia de verdade transforma-se no princípio norteador da existência e em contrapartida todos os saberes baseados no instinto e no inconsciente são exilados para fora das cidades e enviados posteriormente para o abismo do espírito.

---

morte é louvada em todos os cantos do mundo, pois causam o êxtase e esperança que propiciam em mudanças de paradigma, a morte de Sócrates não foi diferente.



Os instintos no pensamento de Sócrates não podem ser entendidos como saber, Alan Sampaio faz o seguinte comentário espelhado no sistema de pensamento do filósofo apontado:

Tal compreensão era meramente dóxa, opinião irrefletida e incerta; com isso Sócrates nega todo um “mundo” querido, afirmado, sabido “apenas por instinto”, e afirma um outro, que só pode ser entregue pela razão, através do saber consciente. Os instintos, as emoções e os sentidos são imprecisos frente à precisão dos juízos racionais: de agora em diante, é nestes que a vida encontra sua dignidade e seu sentido. (SAMPAIO, 2004, p.103)

A valorização da dialética modificou a forma de ver os instintos, ela foi fundamental na reestruturação da polis grega, pois se fez necessária como um mecanismo que sobrepor-se os instintos como uma espécie de regramento, o objetivo deste regramento do instinto era impedir a decadência eminente da polis ateniense. Mas em vez de haver um regramento ou um controle harmônico estabeleceu-se uma nova forma de dominação que marginalizava os instintos e todo o campo natural de relações destes, e posteriormente apresentando outra forma de realidade alternativa que não era nada mais que uma “Fábula”. A base da consciência ocidental tem fundamentos neste mudo “fabuloso”. E o grande engano segundo Nietzsche foi substituir o pessimismo pelo otimismo teórico, caindo assim na enganação da credence de mundos alternativos ao material:

[...] É necessário aponta o erro que havia em sua crença na “racionalidade a qualquer preço”? – Os filósofos e moralistas enganam a si mesmo, crendo sair da *décadence* ao fazer-lhes guerra. Sair dela está fora de suas forças: o que elegem como meio, como salvação é apenas mais uma expressão da *décadence* – eles *mudam* sua expressão, mas não a eliminam. Sócrates foi um mal-entendido: *toda a moral do aperfeiçoamento, também foi um mal-entendido...* A mais crua luz do dia, a racionalidade a qualquer custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma apenas uma doença, uma outra doença – e de modo algum um caminho de volta à “virtude”, à “saúde”, à felicidade... *Ter*

de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto. (NIETZSCHE, 2017, p.18)

Por tanto, a dialética propiciou a mudança de pensamento de toda uma geração, pois se antes se entendia que a vida é efêmera e necessitava-se da arte para embelezar a existência trágica, com a dialética a existência trágica pode ser resolvida se o conhecimento racional for usado. Nestes dois modelos acima apresentados demonstram elementos distintos enquanto o primeiro situa que a existência é trágica e sem sentido sua única forma de entendimento é seu embelezamento artístico e o segundo afirma que a vida tem solução e que um dia as dores da existência terão fim se for usado a razão enquanto remédio. O pessimismo existencial teve fim e introduziu-se o otimismo teórico, este por sua vez é ilusório e enganador uma vez que acredita que a decadência pode ser resolvida, quando se nasce já se estar fadado a morrer e este é o fardo de todas as coisas que estão situadas no tempo, acreditar no contrário e viver em uma ilusão. A introdução da racionalidade como solução ao pessimismo na Grécia antiga demonstrou o quanto os gregos desesperados em busca de um norte agarram-se nas aparências socráticas que fundamentaram uma nova visão de mundo. Visão de mundo que estar conduzindo ferozmente o homem à decadência, pois introduziram em seu testemunho:

[...] a mentira; por exemplo, a mentira da unidade, a mentira da materialidade, da substância, da duração... A “razão” é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Na medida em que mostram o vir-a-ser, o decorrer, a transformação, os sentidos não mentem... Mas Heráclito sempre terá razão em que o ser é uma ficção vazia. O mundo “aparente” é o único: o “mundo verdadeiro” é apenas *acrescentado mendazmente*... (NIETZSCHE, 2017, p.21)

Ao transformar toda uma tradição de pensamento possibilitou o socratismo a adentrarem em outras áreas de saberes, a peça trágica não foi diferente. É com a cultura racionalista que o movimento artístico trágico entra

em declínio e seu arauto neste campo é Eurípedes. Os principais escritores trágicos que se têm registros são Sófocles, Eurípedes e Esquilo, cada um com suas diferentes formas de abordar tal arte e demonstram também o processo de decadência dela.

Para Ésquilo o homem é avaliado segundo uma balança divina, que avalia e julga de acordo com uma moral universal e que tem como objetivo a busca da felicidade, ao contrário Sófocles ele não acredita em uma influência divina julgadora suas crenças depositam-se em uma existência trágica que é independente de qualquer influência do destino, para Sófocles a dor é sagrada e não pode ser passível de julgamento.

Sófocles apresenta para a tragédia o teor trágico, a dor o sofrimento como santificado, mas tal pensamento é enfraquecido por uma forma recém-fortalecida na polis, a razão. Eurípedes é seu principal arauto que representa o fim e o início de uma nova abordagem de pensamento. Agora a dor e o feio são banalizados, pois levariam ao mal e a infelicidade; a busca agora era da felicidade que advinha em conformidade com os princípios socráticos, isto representa o fim ou a redução da instintividade, pois segundo esta vertente “tudo deve ser compreensível, para que tudo por ser entendido. Nenhum espaço para o instinto. [...] vangloriava-se de seu sucesso: o povo teria aprendido a falar e a filosofar com ele” (NIETZSCHE, 2014, p. 80) de nada valeu tal contribuição no período Helenístico, pois há muito os gregos tinham esquecido a capacidade de aprender com a dor, de construir seus valores, eles estavam filosofando e pensando a tempo de mais e esqueceram-se de agir.

O Sófocles representa o auge da arte trágica por utilizar o ponto de vista do povo, e como consequência adquiriu o ponto de vista propriamente trágico.

Mas o uso da instintividade nas peças trágicas manifestou-se a princípio com Ésquilo. As diferenças entre Sófocles e Ésquilo na maneira de abordar a tragédia eram poucas, para Sófocles segundo Nietzsche essa diferença poderia resumir-se na seguinte frase “ele faz o melhor sem sabê-lo” (NIETZSCHE, 2014, p.62) esta frase de Sófocles que apontava que a introdução instintiva na tragédia advinha Ésquilo, pois as suas obras eram produzidas de forma instintivas e inconscientes. Sófocles o imitava, mas com o tempo adotou seu próprio estilo apresentando forma mais simples e características semelhantes à natureza humana. Para Ésquilo o homem é avaliado segundo uma balança divina, que avalia e julga de acordo com uma moral universal que tem como objetivo a busca da felicidade, ao contrário Sófocles que acredita em uma trágica existência que independe da influência de um destino que julga que a própria dor é sagrada.

A tragédia de Ésquilo foi descrita como uma das primeiras obras trágicas, mas a forma de abordar a tragédia por Sófocles foi de fundamental importância no embelezamento da vida, pois ele descreve a importância de sentir a dualidade da existência como uma completude, demonstrando em suas obras a dor da existência e ao mesmo tempo através do coro um embelezamento, esse processo causa como consequência um êxtase preenchido de significado. O pensamento de tal trágico pode ser descrito do seguinte modo:

Sófocles ressuscita o ponto de vista do povo, e ganha, com isso o ponto de vista propriamente trágico [...] A visão de mundo só é trágica em Sófocles. O caráter imerecido do destino parece-lhe trágico: o enigma na vida do homem, o verdadeiro terrível, era a sua musa trágica. [...] O sofrimento, a origem da tragédia, ganha, com Sófocles, sua transfiguração: o sofrimento é concebido como algo santificante. [...] A distância entre o humano e o divino e incomensurável: convém a mais profunda entrega e resignação. A virtude própria é, que não é nenhuma virtude ativa, mas somente negativa. A humanidade heroica é a humanidade mais nobre sem aquela virtude; seu destino

demonstra o abismo infinito. Mas há uma culpa: há somente uma falta de conhecimento sobre o valor da vida do homem. (NIETZSCHE, 2014, p.68)

Os ritos religiosos que deram origem a tragédia grega<sup>13</sup> surgiram da necessidade de preencher o vazio transcendente que há no seio da humanidade, uma busca de um norte ou de uma certeza na incerteza, pois em um mundo atroz que não se sabe quando ira morrer precisava-se da certeza de que a vida prevaleceria neste meio sagaz que ao mesmo tempo em que se tira se dá. A tragédia é uma adaptação artística dos ritos religiosos derivados dos cultos a fertilidade, pois tais ritos em contrastes com a produção da ideia de “civilizado” foi julgado e categorizado como uma *ética* nociva a vida, assim a ação instintiva teve que se manifestar nas produções artísticas. E posteriormente a arte não conseguiu impedir a crescente decadência da tragédia, tal movimento foi substituído por um elemento que não tem por primazia manter a vida enquanto teor material, se o propósito é construir um mundo abstrato e virtual e tem por principal objetivo desconstruir as relações materiais dos homens estabelecendo relações conscientes<sup>14</sup>. E em que se transformou o homem sem as concepções trágicas? O vazio infiltrou-se na cultura moderna,

---

<sup>13</sup> Que nada mais é que a representação artística das forças que circundam os ritos religiosos gregos, que tinha por objetivo – além de entreter – a criação de uma moral, não era uma moral racional, pois há uma grande diferença entre a moral racional e a moral produzida pela tragédia grega – isto é mais evidente nas obras trágicas de Esquilo e Sófocles. A diferença é mais bem apreciada através do conceito de “vontade de potência” de Nietzsche; vendo através de tal conceito a moral racional parte de uma imposição de valores que contrastam com o conceito de escravidão, pois o sujeitado a tal forma de conduta não cria seus valores não age conforme seus instintos, mas se deixa levar como folhas secas carregadas pelo vento; ao contrário é a moral produzida pela tragédia que origina tal afirmação e por isso o conceito de “transvalorização” é importante. Nietzsche descreve da seguinte maneira: “[...] As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos os signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas: e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico, que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas.” (NIETZSCHE, 2007, p.133)

<sup>14</sup> A consciência apresenta-se aqui apenas como um conjunto de ideias ou de valores morais que regulam a conduta do homem, que apresentam uma estrutura completamente abstrata que tem por função criar entraves para ação humana.

pois segundo Nietzsche todas as concepções de mundo são falsas, ilusórias e destituídas de sentidos elas foram criadas por filósofos e religiosos para encobrir a falta de sentidos existencial no sistema racionalista. E essa grande variedade de sistemas de pensamento de valores morais, que há no mundo moderno, foi criada apenas para manter os valores já estabelecidos na tradição. Em que a cultura ocidental transformou-se? Quais elementos serão deixados para as gerações futuras?

A raiz dos problemas ocidentais iniciou-se, segundo Nietzsche, com Sócrates, a cultura ocidental foi modificada em prol de um sistema racionalista hierarquizado que utiliza como justificativa a manutenção da ordem vigente, mas por trás desta justificativa esconde-se a fundamentação dos mecanismos de punição, e este por sua vez tem por função dar poder para os pastores da humanidade. Durante toda a história da civilização ocidental foi marcada pela criação de várias formas de organização social no âmbito da política: democracia, republicanismo, monarquia, etc.; no âmbito econômico: socialismo, capitalismo, entre outros. Existem inúmeras formas de organizar a vida social, mas nenhuma delas preencheu o vazio que se encontra no espírito humano, tal vazio foi propiciado pelo rompimento com os instintos, o mundo contemporâneo está repleto de indivíduos que não sabem lidar com a falta de sentido propiciado por estas formas de organização, o resultado disto é a esterilização existencial, isto é, não se sabe mais viver.

A cultura ocidental derivada dos preceitos socráticos tornou o mundo sem sentido na medida em que destruiu o mecanismo que ligava os indivíduos aos instintos e por não colocar um mecanismo eficiente no local. Assim durante a modernidade surgiu na Europa várias formas de niilismo, tentativas

apocalípticas de destruição dos produtores de sentido vigente, existiram vários ideais que tinham por intuito apenas destruir, mas segundo Mario Viera de Mello a concepção niilista de Nietzsche era diferente:

Nietzsche é assim, num certo sentido, mais destrutivo do que seus congêneres europeus e, num outro sentido, menos destrutivo. Seu niilismo é mais abrangente do que o niilismo, por exemplo, da utopia liberal, da positivista, da socialista, da nazista e mesmo mais abrangente do que o da utopia marxista, que não rejeita a cultura, pelo menos sob forma de ideologia. Mas é menos agressivo do que todas as outras formas de niilismo mitigado, porque não consiste numa eliminação pura e simples desta ou daquela parte da cultura, como acontece com a utopia liberal, que elimina a disciplina da vontade; com a positivista, que elimina a metafísica; com a socialista, que elimina a autonomia do indivíduo; com a nazista, que elimina a espiritualidade. Não, o niilismo nietzschiano considera a cultura e a história entraves, obstáculos não a um movimento impetuoso que se lance em direção ao limiar de uma nova era onde não existiriam mais nem história nem cultura (como o niilismo apocalíptico dos russos), mas a um movimento menos apocalíptico de reformulação total dessa cultura, sobre bases absolutamente novas e até um certo ponto ignoradas. (MELLO, 1993, p.171)

Nietzsche entendia que a falta de sentido existente nos meios de filosóficos da cultura levaria para uma desconstrução dela, não seria uma destruição abrupta e desordenada, seria apenas uma tentativa de introdução de valores antes negados ou marginalizados. A principal característica do niilismo de Nietzsche é a coragem, tal elemento vai para além da virtude física ou da virtude moral é simplesmente espiritual, com isto Nietzsche procurava criar através da coragem espiritual e através da procura incansável a recomposição do mundo, tendo como ponto inicial a falta de sentido, formando assim novas estruturas organizadas que não apresentem nocividade à vida.

Mario V. Mello faz o seguinte comentário sobre Nietzsche:

O mundo não é totalmente destituído de sentido, existe um sentido oculto, enigmático, quase inacessível, que não é impossível descobrir; mas, para fazê-lo, o homem precisa desenvolver dentro de si mesmo uma coragem que poderia ser um fenômeno novo em nosso planeta - uma coragem que não se contenta em enfrentar o perigo presente, mas que se lança a consciência de uma necessidade inelutável em direção ao perigo que pressente. (MELLO, 1993, p.181)

Acredita-se que o mundo de hoje é normal e razoável, mas esta não é a realidade. Vive-se como se estivesse em um mundo esplendido e “perfeito”, e que de vez em quando ocorrem catástrofes e tragédias, entretanto, é nesses momentos que o mundo mostra sua face, um caos absurdo e irresponsável, mas logo a rotina arrasta novamente as percepções para o cotidiano esquecendo assim o contexto de decadência que vivemos. Os sistemas modernos estão estruturados para distorcer as informações e posteriormente direcionam para uma visão otimista do mundo e todo este processo serve apenas para manter a ordem e cabe ao indivíduo dotado de coragem olhar para além da cortina do sistema e posteriormente superá-la, assim dando início a novas perspectivas sobre a realidade.



## 6. CONCLUSÃO

Os valores do homem contemporâneo não estão comprometidos em sua plenitude, reavaliar os processos, refletido sobre os valores e posteriormente transformá-los pode vir a ser uma solução viável, pois Nietzsche acreditava em uma transformação de valores e não na destruição absoluta deles. Em qualquer sistema de pensamento ou dentro de qualquer sociedade há a decadência e isto é fato, pois tudo o que está no tempo encontra-se fadado a finitude, mas a decadência repudiada por Nietzsche é a decadência que não reconhece a ação do tempo sobre as coisas, que não reconhece sua finitude ou que vive enganando-se acreditando em soluções para tal decadência. E o grande problema é acreditar em um otimismo sobre os problemas insolúveis.

Sócrates tentou solucionar o problema da decadência, ao menos se fez acreditar que tentava, mas apenas afogou mais ainda os gregos nela, pois tanto os racionalistas ou os filósofos tentaram sair da decadência ao fazer-lhe guerra, mas geraram apenas os “meios ou as soluções” são apenas expressões da decadência, agarrar-se em um ótimo teórico é a expressão mais alta da decadência.

O que resta é apenas ser grande dentro do maior tempo possível, como os antigos pensadores gregos, e isto só se consegue dentro de uma expressão única, dentro de uma tentativa singular de imposição dos impulsos instintivos sobre os valores sociais ou éticos, este pode ser um caminho plausível uma vez que a individualidade atualmente é repudiada consciente ou inconscientemente. O mundo moderno é regido por sistemas que obrigam de forma implícita os indivíduos a viverem dentro de uma espécie de sistemática

orgânica, e nesta organização as coisas são relacionadas e não podem ser pensadas de forma distintas. Todos têm funções indiscutíveis para que o sistema ou a ordem vigente funcione corretamente como foi programada, resumidamente há uma coerção e uma imposição de valores, o que ocorrer em todos os sistemas e sociedades, mas este não oferece saída, apenas um otimismo de que um dia talvez o sistema possa melhorar, mas não passa de uma ilusão.

Nietzsche quando viu o caos que o mundo moderno estava afogado simplesmente olha para os gregos antigos e observou que a força de vontade e a coragem são os principais elementos para tornar uma sociedade grande, mas segundo Mario V. Mello há uma lógica que faz objeção à filosofia da coragem.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Seus primeiros sintomas se haviam, entretanto, manifestado no pessimismo de filósofos e de artistas, na procura de um mundo irreal, que fizesse esquecer a atualidade presente, numa domesticação e castração da cultura que evitasse seus impulsos mais fortes, na secularização do cristianismo de modo a reter suas promessas amenas e eliminar suas exigências mais rigorosas, na simulação de gestos fortes e atitudes enérgicas que pudessem preservar a imagem de um passado vigoroso e perdido. O medo agia assim, preventivamente, na esperança de que tais cuidados preservassem a humanidade de maiores perigos. Mas explodiu de repente a Primeira Guerra Mundial. Surgiu a necessidade de fabricar armas, instrumentos de destruição cada vez mais aperfeiçoados, cada vez mais destrutivos. A Primeira Grande Guerra e logo depois a Segunda transformariam o mundo no paraíso da tecnologia. Só uma guerra contra outro planeta justificaria o aparecimento de uma tal profusão de armas. Chegamos ao momento em que se poderia, com a simples pressão de um dedo contra um botão, provocar a mais terrível explosão. Já então o medo, que crescera em relação direta ao desenvolvimento tecnológico, paralisava a vida de um modo geral. Num mundo tal como o nosso, que vive paralisado pelo medo, parece uma ironia cruel falar numa filosofia da coragem; num mundo que, apavorado pelos fantasmas criados por si mesmo, empilha febrilmente arma atômica sobre arma atômica, armazenando insensatamente um poder de destruição inverossímil; num mundo onde o terrorismo - doença das sociedades falidas - vai-se alastrando assustadoramente, transformando, num pesadelo sinistro, nosso futuro imediato; num mundo finalmente em que, como nos desenhos animados que excitam e obsedam a imaginação infantil, cresce, a olhos vistos, o vulto desmesurado, o espectro colossal do furor e da violência: que sentido tem, neste mundo, uma virtude como a coragem? - Nele o razoável seria pregar, aconselhar, receitar, como qualidade obrigatória, a tendência oposta. Cultivar o medo. Cultivar o medo, porque ele significa a prudência elementar sem a qual não se chegará muito longe. Fazer todas as concessões, se somos estadistas e se não possuímos meios físicos de impor nossa vontade. Libertar presos, criminosos, embora não ignoremos que com isso só contribuimos para que se torne maior a criminalidade. Demitir ministros, gabinetes inteiros, renunciar às altas posições que se ocupa, se essa é a vontade dos criminosos. Entregar a receita do país inteira para salvar a vida de inocentes. Se somos simples cidadãos, mostrarmos cuidadosos ao extremo, porque essa é a maneira de sobrevivermos. Seria de bom alvitre pesar com atenção todas as palavras que dissermos para prevenir qualquer ofensa que possa causar a sensibilidade dos vizinhos. Uma vingança inesperada pode nos atingir. Nunca sair de casa sem olhar antes pelas janelas, de um lado e de outro, para vermos bem se não há alguém

A prudência derivada da racionalidade, em conformidade com o otimismo teórico, fortalece o germe mais inóspito e o freio de qualquer mudança de sistema, o medo. O medo é o germe que marca o ponto mais alto da decadência do mundo contemporâneo, pois limita ações no campo físico e psicológico, as lógicas dos racionalistas, dos inteligentes, dos lúcidos e dos realistas rejeitam a lógica da coragem de Nietzsche no pressuposto de incentivar a propagação da violência, mas a crise é resultado dessas lógicas racionalistas, por justificar o medo e este, por sua vez, se responsabiliza pela manutenção da ordem da decadência vigente. Faz-se necessário refletir sobre os valores que nos cercam, pois com Sócrates criou-se no ocidente uma cultura do pastorear os indivíduos e que tem por base moral um conjunto de concepções ilusórias, e este é o motivo de se refletir em um mundo onde existem várias verdades por não se sabe ao certo qual é a verdadeira, pois é uma mais convincente que a outra, assim faz-se necessário questionar os valores preestabelecidos.

Em resumo, a busca por valores filosóficos foi necessária para Nietzsche na fundamentação de seu pensamento, acreditava que o mundo moderno poderia sair da decadência se utilizassem a experiência dos gregos antigos, sua prática em utilizar a coragem marcou na história uma perspectiva revolucionária na medida em que não se importavam com as limitações que surgiam em seu caminho, seus objetivos eram claros e imutáveis. O instinto helênico foi um grande marco na história do ocidente e foi a base para forma grande parte do conhecimento ocidental, mas todo este conhecimento teve um

---

na rua que constitua uma ameaça. Tomar mesmo precauções maiores. Não seria demais comprar armas, revólveres, carabinas, metralhadoras, segundo a importância do patrimônio que se tiver a defender. O patrimônio mínimo é naturalmente a vida. Mas já para esse mínimo se precisa de medo, de muito medo, se quisermos realmente conservá-lo. (MELLO, 1993, p.86)

freio por acreditarem que necessitava-se de limites formatadores, Sócrates criou barreiras para o conhecimento, pois limitou o conhecimento somente a lógica racionalista toda e qualquer forma de conhecimento foi esquecida e o resultado foi simplesmente uma falta inestimável de significado em grande parte nos sistemas de pensamento e com isto instalou-se na modernidade várias correntes niilistas que tinham por finalidade a destruição da cultura europeia, mas para Nietzsche o caminho para reavivar a cultura ocidental deveria ser através da introdução do espírito de coragem dos antigos helenos, pois esta coragem tem a força de reconstruir junto com os valores das peças trágicas os elementos necessário para uma cultura grandiosa, afastando assim os indivíduos do abismos em que se encontram.

## REFERÊNCIA

MELLO, Mario Vieira de. **NIETZSCHE: O Sócrates de Nossos Tempos**. São Paulo: USP, 1993.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico: de Schiller a Nietzsche**. ZAHAR.

\_\_\_\_\_, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 3ª ed. ver. 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo**. Trad. Maria Cristina dos Santos de Souza e Marcos Sinésio Pereira Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1ª ed. 2005.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 9ª ed. 2009.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **A Filosofia na era trágica dos gregos**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 1ª ed. 2008.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos, ou Como se Filósofa Com o Martelo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 1ª ed. 2017.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 7.ed, 2007.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SAMPAIO, Alan da Silva. **Origem do Ocidente: A Antiguidade Grega no Jovem Nietzsche**. Salvador: UFBA, 2004. (Dissertação de mestrado). Disponível em: [https://egroupware.ufba.br/~ppgf/dissertacoes/Alan\\_Sampaio.pdf](https://egroupware.ufba.br/~ppgf/dissertacoes/Alan_Sampaio.pdf).